



TEMOR DA ÔMICRON

França proíbe viagens ao Reino Unido

Medida se aplica a viagens não essenciais e passa a valer partir da meia-noite de amanhã

PARA
ACESSAR
APONTE
O CÉLULAR
PARA
O QR CODE

FOTOS DE MARIANA ABDALLA/MÉDICOS SEM FRONTEIRA



Sem abrigo. Vanesa e Daiviane trabalhavam em lavanderia, mas resolveram migrar para o Brasil por salários não serem suficientes para comprar alimentos: 'Sentimos falta da Venezuela, mas lá não há oportunidades para nós e nossas filhas'

ELISA MARTINS
elisa.martins@oglobo.com.br
SÃO PAULO

SONHOS EM COMUM

Com reabertura de fronteira, cresce fluxo de venezuelanos ao Brasil, relata organização

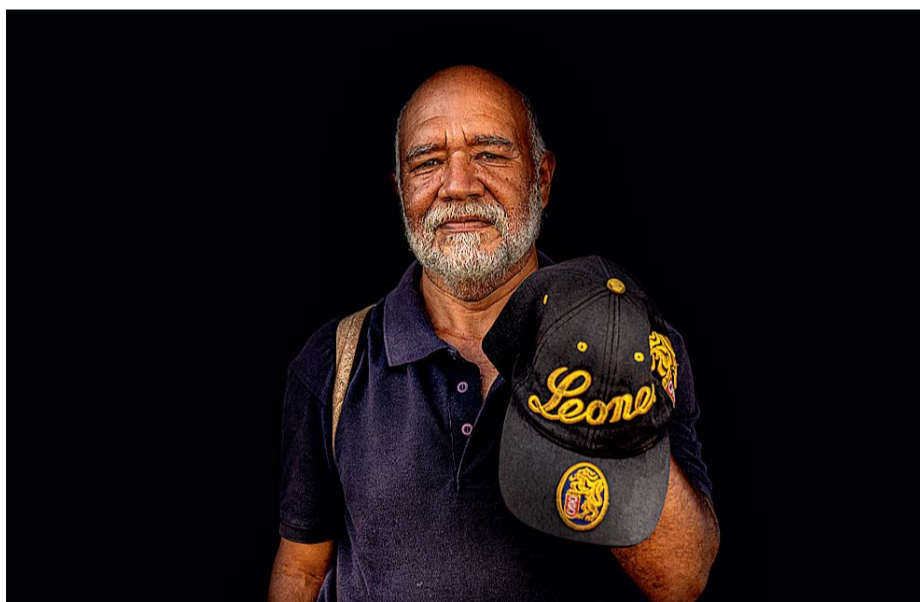
Kerwin, Layana e Camila saíram da Venezuela praticamente com a roupa do corpo. Venderam tudo o que tinham e vieram ao Brasil com o sonho de ter um lar e a filha na escola. Já na casa de Wilfredo, cada vez que as crianças acordavam na Venezuela, pediam o café da manhã e não havia nada para comer. Ele cruzou a fronteira na esperança de poder trabalhar e ver os netos crescerem bem. Os vizinhos Victor e Alejandro também partiram em busca de um emprego, mesmo com o receio das famílias. Na espera de documentação no Brasil, dormiram muitas noites ao relento, na rua.

As expectativas são altas, e os sonhos em comum se encontram na fronteira de Pacaraima, cidade no norte de Roraima, com a Venezuela. Nos últimos meses, o fluxo de migrantes que chegam à divisa brasileira não para de crescer.

'CIDADES GÊMEAS'

O aumento é fruto, principalmente, da reabertura da fronteira no lado brasileiro, após quase um ano e meio de trânsito fronteiriço suspenso por causa da pandemia. Uma portaria da Casa Civil da Presidência da República, publicada em junho, reabriu o fluxo entre as "cidades gêmeas" — Pacaraima, no lado brasileiro, e Santa Elena, no lado venezuelano. Mas a passagem pelas chamadas "trochas", as trilhas clandestinas por brechas da fronteira, nunca cessou.

Segundo a organização Médicos Sem Fronteiras (MSF), o aumento na demanda migratória está à vista nas ruas e se faz notar na procura pelos serviços de apoio a quem chega. Na ONG, os atendimentos mais que dobraram recentemente. Em julho, o número de consultas médicas gerais foi de 292, mas saltou a uma média de 640 mensais de agosto a novembro. Só em novembro, foram 692 consultas, maior número do ano. Os atendimentos de saúde sexual e reprodutiva, que são contados à parte, subiram de 91 em julho a uma média de 230 por mês de agosto a novembro. Também cresceram as atenções de saúde mental, que em ju-



Fome. Para lembrar de uma época de paz em seu país natal, e se esquecer da dificuldade de alimentar sua família, Wilfredo carrega o boné de seu time de beisebol: 'Sonho em ter uma vida calma e ver meus netos crescerem bem'

Expectativa.

Alejandra (nome fictício) trouxe a máquina de costura para tentar trabalhar no Brasil: 'Na Venezuela, um litro de óleo custa US\$10 e um pacote de arroz, US\$4. Tudo é em dólar agora'



Determinação. Mírvida e Fátima vendem café e salgadinhos em Pacaraima, mas planejam abrir um salão de beleza: 'Temos um pouco de receio por não falar a língua muito bem. Mas vamos aprender e fazer dar certo'

lho rondavam as 90 e pularam para uma média de 110 mensais no mesmo período.

— Antes nossos atendimentos se concentravam nas ocupações de migrantes em Pacaraima. Levávamos clínicas móveis aonde já havia migrantes, e o fluxo era muito menor. Com o número em alta, inclusive com pessoas dormindo e morando na rua, levamos as clínicas para o centro da cidade. Foi quando o fluxo explodiu, e tivemos de dobrar ou quase triplicar as consultas individuais na cidade — conta Elena Graglia, coordenadora médica do projeto de MSF em Roraima.

CAMINHO APÉ

Nos postos de controle de entrada, mais de 300 pessoas são atendidas por dia em busca da regularização autorizada pela portaria do governo federal para o caso de pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária. Mas continuam chegando mais, e há dezenas à espera da documentação. As condições de saúde dos recém-chegados, cada vez mais deterioradas, também chamam a atenção.

— São pessoas debilitadas, que já vêm de um longo período de dificuldade até decidirem vir ao Brasil. Algumas conseguem pagar passagem, outras vêm de carona, mas muitas vêm a pé. Caminham longas distâncias por dias. São pessoas com edemas e pernas inchadas e outras com infecções gastrointestinais ou respiratórias e doenças crônicas sem tratamento, como diabetes, hipertensão — conta Alvilyn Bravo, promotora de saúde de MSF. — É uma população que adoce muito por conta das condições de vida e pela falta de acesso a insumos bá-

sicos de higiene e cuidado.

Para evitar dormir na rua, muitos migrantes se deparam com o dilema entre concluir o atendimento médico ou sair depressa para garantir lugar na fila para os abrigos.

— Em alguns atendimentos, mesmo quando a pessoa precisa, ela sai do serviço de saúde para tentar chegar cedo ao lugar onde vai passar a noite. Abrigo, banho, comida, saúde, são questões frequentes para essa população. Sem contar as condições geográficas. Em Pacaraima chove muito, faz frio à noite, e muitas crianças, famílias inteiras, dormem na rua, o que agrava ainda mais a saúde — acrescenta Alvilyn.

XENOFOBIA

Há três semanas, o clima também fechou na cidade depois que um comerciante brasileiro foi esfaqueado durante um assalto em Pacaraima. Manifestantes fecharam a estrada na fronteira, houve tumulto e atos de violência contra venezuelanos. A procura pela proteção dos abrigos aumentou depois do episódio. Quem não consegue entrar, se arrisca a dormir na rua ou volta à noite para os acessos de mata e se esconde nas "trochas".

— Ainda há muita xenofobia, falta de empatia. Com o trabalho, percebemos que, além do tratamento humanitário, era importante fazer ações de mediação cultural para as pessoas entenderem as necessidades desses migrantes, e que eles chegam porque precisam, porque não existe serviço de saúde nem atenção básica no país de onde vieram — conta Elena.

Ajudar na construção de empatia também foi o objetivo de um ensaio de fotos como as que ilustram essa reportagem e que foram feitas em novembro nos atendimentos de MSF em Pacaraima.

— Muitos chegaram sem nada, ou só com uma mochila, a roupa do corpo. Não tinham o que trazer ou queriam chegar e começar do zero. Outros achavam que logo voltariam para a Venezuela — conta a fotógrafa Mariana Abdalla, que produziu fotos e vídeos para o ensaio. — Há crianças, jovens, idosos, famílias inteiras. Alguns não queriam falar, mas foram sempre gentis. É uma população vulnerável, e esperamos que as fotos levem a atenção a ela. O fundo preto que usamos não foi por acaso. O olhar é para as pessoas.